

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.121

Domingo, 16 de Julho de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Tálhala-Lisboa — Telefone 5339-0
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

A vida continua subindo.
E os consumidores conti-
nuarão, submissamente, de
braços cruzados?

História ilustrada do trabalhador e do "fôrça-viva",



O país é pobre e necessita de produção. A nação deve restringir as suas despesas e, se possível, o trabalhador, perante as desigualdades, deve manter-se quieto e ordeiro... Se o "fôrça-viva" está gordo e apanha pancadas, deve essa fortuna ao seu trabalho extenuante. O "fôrça-viva" trabalha muito — de queixos... Ora, ora, o trabalhador é um bêbado incorrigível... E se assalta a "propriedade alheia" para atenuar a sua miséria... Sucede-lhe o que há dias sucedeu aos empregados no comércio: é espancado traiçoeiramente e barbaramente. E por fim, acusado de perturbar a ordem social, é preso por bolchevista — e espera um julgamento e um Ferreira de Sousa...

A repressão dos especuladores...

Ante a onda avassaladora dos letrocinios imperantes, que há de arrastar a sua resaca violenta umas instituições desmanteladas, o governo burguês deste regime capitalista faz sair os seus pregoeiros a anunciar-nos artificialmente que vai erguer um dique para deter os vagalhões da terrível agiotagem... Com as suas medidas de alcance nulo, com a sua pirotecnia de retórica insulsa, assim quer entreter e ludibriar as camadas populares que mais directamente sofrem as agruras derivantes da desenfreada especulação que nos esfolia...

O país está para a civilização económica dos nossos tempos, o que Roma esteve, nas auras épicas de decadência, para o desenvolvimento financeiro da antiguidade. Então, tudo estava entregue à adjudicação dos rapaces arrebatantes do império desfeito: os grandes trabalhos, os fornecimentos dos exércitos e das esquadras, as alfândegas, as portagens, etc. Ora hoje, para que o aspecto das coisas não se proporcione uma grandiosa modificação, o mundo capitalista está nas mesmas condições.

Portugal, dominado pela prepotência das grandes coligações financeiras industriais-comerciais, devia facilmente estar combatido pela nefasta influência do cancro roedor dos verdadeiros pactos da fome. Todas as suas riquezas, naturais e artificiais, toda a sua energia, todo o seu esforço, toda a sua produção, estão acaparados pelas sociedades por acções, pelas companhias anónimas, as quais presentemente representam o que nos tempos mais recuados da idade média representava mas companhias de aventureiros e saltadores que punham em resgate os viajantes ou pilhavam os campos, como o afirmou Paulo Beaulieu, pertencente não a desordem operária mas a ordem capitalista...

Esta desgraçada nação, devorada pelos máximos apetites duma pirataria superior à de Corsário Negro, mas mais baixa, reles, no desassombro e na responsabilidade da luta, está vastamente erigida de toda a espécie de monopólios, de sindicatos, concessões, de linhas de trustes que acaparam o açúcar, os trigos, o pão, os minérios, os tecidos, o papel, o petróleo, o carvão, o próprio Estado, que se posterna de cócoras, os seus próprios agentes, que se vergam, respeitosa e lucrativamente, às mais torpes das venalidades.

A república, fingindo ao contrato firmado perante a opinião pública, em vez de limar as arestas resultantes dos ruinosos privilégios, aguçou-as ainda mais, favorecendo-lhes a agressiva traição. E que em matéria financeira, económica e social, monarquias e repúblicas equivaliam-se...

Repressão aos especuladores! Pirâmida mentira, fenomenal disfarce! Essa tentativa vem de longe. Mirabeau em vão denunciou ao rei a agiotagem, a especulação, o inimigo mais terrível que lhe devorava as rendas, corrompia os encargos do Estado, corrompia os vassallos e anuviava o poder. Bem dizia que da repressão, ou antes da destruição da agiotagem, dependia a honra e a salvação da França, pois era "preparar a via ao espírito público, assegurar a paz no exterior, reconduzir ao seio das famílias, restituir os talentos ao seu verdadeiro uso, a consideração às coisas úteis e decentes". Mas Luis XVI recusou.

A Revolução Francesa, procurando atender os justos clamores do povo contra a coligação das casas de comércio, dos bancos e das caixas de seguros, que espoliavam as populações, foi mais energica na repressão contra a capitalista endinheirada. Esta, como a mandrágora bolista dos nossos dias, especulava com os bens nacionais e com a depreciação da moeda; assim como hoje fazem com a libra, fizeram então com o luis em ouro que, em agosto de 1795, valendo 1.020 libras em papel, passou em fevereiro do ano seguinte, a custar 8.600 libras. Dum momento para o outro, encarecia 500 ou 1000 libras. Parece o actual momento...

A Convenção guilhotinou dezenas de especuladores, dezenas de rendeiros gerais. Fechou mesmo a bolsa. Mas ainda assim a agiotagem não terminou. Talvez ela findasse no momento em que o povo desfilou, junto da bolsa, aos gritos de *Abaixo os ladrões!* — prestes a serem linchados, como assim tinham sido os linchados diversos assambrados e "enterrados" às portas dos seus armazéns — se não se deixasse adormecer pelos miasmas e as ideias de emancipação humana, estivessem mais desenvolvidas,

mais compreendidas, mais cristalizadas... Mais forte era Napoleão Bonaparte, que a princípio criou por toda a parte bolsas e oficinas de corretores. E, todavia, a vampiragem agioteira, que não lhe perdoou a velocidade de dar o moinho dos tabacos para o Estado, como o monopólio do sal; que não lhe perdoou a tentativa de monopolizar os transportes nas mãos do seu governo — inspirou-lhe o terror, provocou uma intriga de Bolsa e engendrou a fome artificial de 1810. Segundo a glacial imparcialidade histórica, essa conspiração financeira foi a causa da perda da sua campanha na Rússia e da queda do seu trono...

Ainda mais potentes eram os governos ingleses, ainda mais poderosa era a monarquia germânica, e nem os governos britânicos conseguiram com os seus *bills* refrear a especulação, nem o Guilherme II, autoritário e orgulhoso, pôde sustentar os impérios dos industriais coligados das minas e metalurgias, que estavam à frente do movimento acaparatório. Apesar das queixas da casa Krupp, limitou-se a suplicar-lhe que deixasse os coligados...

Só uma coisa será eficaz, radical, na destruição completa da agiotagem, da especulação, da ladrocinha capitalista — é a *liquidação social*, já proclamada por Proudhon: "Será o regresso à ordem, uma noite de 4 de agosto. Glória ao Trabalho! Paz aos que produzem! União e fraternidade todos os que realizam a troca! — por conquistas das fábricas, as oficinas, os ateliês, os meios de transportes e comunicações, os campos, etc, pelos indivíduos que trabalham utilmente para a sociedade rejuvesceda; porquê entregar directamente a gestão do trabalho aos cidadãos, dos a um tempo, produtores e consumidores livremente organizados, os monopólios, as ligas, os trustes, as concessões particulares, os privilégios especiais, as companhias, as bolsas, serão definitivamente anulados, desassociados, dissolvidos, política, económica, social e juridicamente interpretando. Será a derrota do capitalismo...

Tudo o mais que se diga e se prometa, será disfarce, empalativo, medida ineficaz...

Clemente Vieira dos SANTOS.

PARA A HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA A COMPANHIA DO NYASSA

Um Estado dentro do Estado que cobra impostos e tem polícia para defender os seus privilégios

Enquanto o sr. Norton descança, vamos até Moçambique

A campanha que desinteressadamente levantamos contra as atrocidades praticadas em África, não se resume como algem já imaginou a um ataque cerrado ao sr. Norton de Matos. O alto comissário de Angola tem para nós apenas a importância que os seus actos desumanos criaram — e nada mais. O homem é-nos indiferente; os seus actos interessam-nos, porque tiveram consequências lamentáveis e servem de exemplo característico da tirania portuguesa no continente africano.

Não é, porém, o sr. Norton de Matos o único tirano que em África faz sofrer um povo que tem, como todos os povos, o direito à liberdade; não são apenas os seus actos os únicos que merecem a nossa repulsa e o nosso combate leal e sincero. Há muitos factos que não são da responsabilidade desse despota que merecem ser trazidos a público. Esses factos serão também aqui examinados com atenção, com carinhosa atenção, porque eles fazem sofrer muita gente, porque eles são uma sementeira trágica de dores formidáveis em terras de África.

Deixemos por algum tempo o sr. Norton de Matos e as barbaridades cometidas por gente civilizada na província de Angola. Deixemos o sr. Norton a contos com o Partido Africano que recla-

mon a sua suspensão imediata. Que folguesse as costas do sr. Norton enquanto a nossa pena vai até à outra província ultramarina — Moçambique — que tem soberbos espectáculos de crueldade a criticar.

Para começar a nossa análise ao que se passa nesta província, mostramos hoje — como lamiré — o que é a força dos potentados financeiros e agrícolas. Ainda não tinhamos revelado, como os capitalistas, calcando direitos e liberdades, conseguem arrancar à pele do negro as fortunas que assumiram e afrontam a miséria de quem nestes tempos de carestia vive apenas do seu árduo trabalho.

Façamos, portanto, a apresentação dum desses potentados inabuláveis que em África se erguem bem firmes, como rochedos formidáveis, sobre a miséria, o sofrimento, a dor, o sangue do povo africano e dos brancos que exploram.

Temos a honra de apresentar a Companhia do Nyassa. É mais forte que o Estado português, mais rica em teros, mais consistente na sua tirania. Para guardar os seus privilégios, ela possui uma polícia agnerrida, uma polícia perfeita, organizada, talvez melhor ainda que a polícia civil de Lisboa.

As terras da Companhia do Nyassa são vastas, infinitas, atravessadas por rios, onde só ela pode fazer navegar as suas embarcações e organizar carreiras para transportes de passageiros e mercadorias.

As minas que nos territórios se encontram só ela pode explorá-las, ou deixá-las abandonadas, se lhe apetece; nos rios só ela pode pescar; nas selvas, nos matos ela, unicamente ela pode caçar.

Não é apenas uma companhia é mais, muito mais — é um Estado rico, poderoso, dentro do Estado português débil, arruinado apenas com uma aparência de força na ferocidade com que ataca os humildes, os parias, os abandonados. Chamemos-lhe, pois, Estado e não companhia — o Estado do Nyassa.

Pois o Estado do Nyassa, como qualquer Estado, além do direito de emitir acções e obrigações, pode fundar sociedades bancárias, criar notas ou bilhetes à vista por intermédio das sociedades bancárias! tem o domínio útil dos bens do Estado português incluídos nos territórios da concessão! direitos quanto às taxas de licença (alfândega particular) para entrada, saída ou trânsito de mercadorias! pode colonizar e fundar povoações, segundo as suas conveniências! co-

brar contribuições pecuniárias ou de trabalho! emitir valores selados!! Goza do direito de permutar encomendas postais, de engajar trabalhadores para as minas do Transval e de isenção de impostos: industrial sobre o seu capital e de selo sobre as suas acções e pertences quando a transmissão destas se faça no estrangeiro!

É para defender os interesses desses Estados financeiros, que o Estado português ambiciona manter em África um poderio a que a sua impotência não tem direito.

Avalie-se pelos privilégios da Companhia do Nyassa enorme, colossal, gigantesca o que serão os direitos dum pobre negro, sem protecção, sem força, sem polícia, sem terrenos, sem dinheiro, como a companhia. Que contraste doloroso: a riqueza incommensurável desse Estado onipotente e a pobreza do preto que apenas tem os braços para enriquecer os seus senhores poderosos.

Mário DOMINGUES

Dizia-se ontem que o governo valia mandar proceder a um inquérito acerca das acusações feitas ao alto comissário em Angola pela Junta Central do Partido Nacional Africano.

Condenação iníqua

Importantes declarações do dr. sr. Monteiro, advogado da vítima

A propósito da condenação do camarada Avelino de Castro, recebemos do nosso colega de lides da imprensa, dr. sr. Monteiro, a carta que a seguir publicamos:

Presado colega: — O caso Avelino de Castro surpreendeu-me, confesso, porque nunca admiti como possível que um juiz, vogal do Tribunal de Defesa Social (feito à imagem e semelhança daqueles outros de excepção que a propaganda republicana tem violentamente condenado) fosse capaz de proceder assim. O dr. sr. Ferreira de Sousa votou de acordo com a necessidade que há de entregar a alta e espinhosa administração de justiça em mãos de gente de bom senso e de ponderação, sem arrebatamentos de mocidade nem espírito de vingança prejudicial a terceiros à própria verdade. Já envié, hoje, algumas linhas, sobre o caso, para dois jornais bastante lidos nesta capital, e conto como os factos se passaram. A Batalha, que muito prezo e admiro, deve apenas declarar o seguinte, como advogado do réu injustamente condenado:

Avelino de Castro foi vítima dum excitação de nervos e talvez duma alucinação de ódios súbitos que empanou o critério de um juiz que ainda tem a idade necessária para os ensinamentos da vida nem talvez o critério indispensável para a alta missão que ocupa. O dr. sr. Joaquim Crisóstomo só merece a nossa admiração incondicional por ter varrido, como instrutor de carreira que é e conhecedor

do seu dever, a responsabilidade que poderia caber-lhe na condenação dada. Justificou o seu voto contrário e fez muito bem. Pôs a sua consciência e a sua boca ao serviço da verdade.

O ódio que continua caindo sobre o dr. sr. Ferreira de Sousa é só obra deste mesmo vogal, porque ninguém mais do que ele, o provocou com o seu proceder irritante contra o qual protestei com a violência que uso, por uma defesa dos justos.

Creio firmemente que o Supremo Tribunal para o qual recorri de revista, saberá, como costuma, fazer justiça a quem a tem.

Sempre vosso colega

Mário Monteiro

O camarada Avelino de Castro escreveu-nos também uma carta lamentando o pouco critério do dr. Barbosa Viana, que declarou solidarizar-se com o gesto desleal do dr. Ferreira de Sousa. Avelino de Castro afirma que o dr. Barbosa Viana, agora tão solidário como o dr. Ferreira de Sousa, lhe declarou estar convencido que ele achava o explosivo, guardando-o sem intenção criminosa em casa, a fim de no dia seguinte de manhã o entregar à polícia. É estranhável que o dr. Barbosa Viana que estava moralmente convencido da inocência do réu, desse o seu apoio a uma condenação que ia contra a sua própria consciência

EM FRANÇA Um atentado

Uma gracinha do «Diário de Notícias»

Ante-ontem, em Paris, quando o presidente Millerand, regressava com o seu luzeiro cortejo das manobras de Longchamps na Avenida Marigny, foi atingido, com dois tiros de revólver, o automóvel que conduzia o prelado de polícia, Armando Naudin. O *Diário de Notícias* transformou o caso, num atentado contra o renegado socialista e antimilitarista Millerand.

O seu presumido autor, um rapaz de 20 anos, denominado Gustavo Bouvet, foi preso. Numa foi tão grande o descontentamento dos governados contra os que governam, dos tiranizados contra os que tiranizam, dos esfolados contra os que esfolam.

Também nunca foram tão tenazes os abusos do poder, as tiranias e a fome. A exploração do homem pelo homem atingiu uma tal intensidade, que esta época passará como sendo a mais convulsiva da história.

Os governantes vão-se tornando cada vez mais cruéis e mais cínicos e os governados cada vez estão menos dispostos a sofrerem resignados os rigores, as violências duma vida dura, insuportável.

Do desespero que constitui a atmosfera social do mundo geram-se estes actos desesperados. Não deixaremos de dizer que eles põem a nu a discordância latente entre os de cima e os de baixo, discordância que a todo o momento se manifesta.

Sessão pró-A BATALHA

A Grande Comissão Pró-A BATALHA convida os trabalhadores a assistir à sessão de propaganda sindical que se realiza hoje, pelas 17 horas, na sede da «Sociedade Amigos da Infância», à Rua Maria Pia, na qual farão uso da palavra, além de outros oradores, os camaradas Carlos Freire e Anibal Cruz.

TURISMO

Chegarão ontem a Lisboa 500 americanos

Chegarão ontem a Lisboa, a bordo do vapor *Cameronia*, 500 americanos, que visitarão os Jerónimos, o Museu dos Coches, a Sé e o Castelo. Partem hoje, às 8 horas, para os portos do Mediterrâneo.

As reclamações do funcionalismo público

É na reunião de amanhã do conselho de ministros que deve ser dada a redacção definitiva à proposta de lei relativa às novas subvenções a conceder aos militares e funcionários civis, que em seguida será apresentada ao parlamento.

A BATALHA em PARIS
Vende-se na Maison de la Presse Portugaise — Rue Blanche, 49

DE BOM HUMOR

Fósforos e bolas, petróleo e trocos, coisas e loisas

Por falta de trocos que se tornou crónica, a maior parte das caixas de fósforos amarelos são vendidas ilegalmente a cinco centavos cada uma, ao por toda a parte, e o freguês, que também é amoroso, não protesta contra esse arredondamento comercial, mesmo porque não vale a pena perder o tempo que é pouco para discutir política, pelo que, por via de regra, se retira sem a demasia que, nos raros casos fósforíficos em que se dá, vem a ser uma estampilha postal dum centavo que facilmente se extravia ou inutiliza no bolso.

Nas carrozarias, igualmente por falta de trocos, impingem as chamadas bolas como demasia das pequenas compras de carvão e petróleo, artigo esse que se vendia a vintem a dúzia antes da guerra e custa hoje doze vintens, com bastante tendência para a subida do seu preço, de maneira que vão chegar a uma altura de não se lhes poder bolar.

Além disso e das mulheres eléctricas e dos homens macacos que trepam à bóia alheia, temos as senhas multiformes, representativas da importância das demasias, graciosos papelinhos que não tem curso e se extraviam como fumo.

Temos ainda as estampilhas postais de meio, um, dois, três e quatro centavos que o freguês aceita em todos os estabelecimentos, acofendendo, porém, que em muitos deles não os querem receber, dizendo os seus donos e caixeiros que os dão no troco mas que não os aceitam nem a isso são obrigados. É um «fartar vilanagem» a que não se opõe nenhum poder do Estado que também, como da cabideia dos trocos, vendendo as estampilhas.

O remédio, no caso dos fósforos

amorosos, seria fixar o seu preço legal em cinco centavos, revertendo o centavo do aumento no seu custo a favor dos hospitais onde falta o estritamente indispensável ao tratamento dos doentes, principiando nos medicamentos e acabando nas dietas.

Para remediar a falta de trocos e acabar com os abusos que se dão nesse particular e que representam a extensão permanente de avultadas importâncias, poderia o Estado providenciar a impressão de estampilhas fiscais em cartão resistente com o valor de um até quatro centavos cada uma, determinando ao mesmo tempo que, os comerciantes, em geral, fossem obrigados a aceitar essas estampilhas como moeda corrente, proibindo-se de uma vez por todas e punindo-se com avultada multa, a emissão de senhas, devendo fazer-se a sobredita impressão por meio de cores inimitáveis, para dificultar a falsificação das mesmas estampilhas pela fotografia.

Isto ou coisa parecida na certeza de que o Estado não tomou uma tal providência porque não lhe convém que termine o curso do *marfim* dos trocos, mais rendosa negociada do que o comércio das presas do elefante.

Para arredar o público bem bastava a já antiga supressão do meio centavo metálico, os clássicos cinco reisinhos que bom arranjo faziam à pobreza, facilitando as suas compras, supressão que não se admite nem justifica desde que o meio centavo tem sua representação nas estampilhas e na escrita comercial, tendo-a também na escrita da contabilidade pública em que se faz a conhecida marcota supratratada do chamado arredondamento que reverte a favor do Estado quando não é

ele que tem que pagar, pois que, quando é assim, arredonda meio centavo para dentro dos seus cofres sabendo de sobre que é verdadeiro aquele sorriso segundo o qual muitos pontos fazem muitos.

Sempre por bom caminho, constante a divisa dos armazéns Grandela, e siga a dança da refinada patifaria dos trocos, pois que se o preto fingido que se exibiu porque Mayer resistia a todos os brancos portugueses, a resistência destes, na terra das alpacas, não é inferior àquela do referido preto em relação às roubafeiras sem classificação nem limite de número que lhes fazem todos os dias de zero a zero, no compêndio da hora à moderna, ao passo que o Estado faz vista grossa e *semblant de rien* como chamam os franceses ao que nós chamamos cara de parvo, ou de lenço.

Tudo isto sem meter na conta a água do contador que o carroeiro amigo e certos droguitas combinam com o petróleo juntando-lhe o que eles sabem, e eu também sei mas não digo, para que permaneçam na ignorância da maneira de fazer essa honrada fragrança aqueles que não possuem os conhecimentos químicos que são precisos para isso, e se limitam a arredondar no péso, misturando pedras com o carvão remolando para ajudar o fiel da balança a inclinar-se mais facilmente para o lado da mercadoria que lhe põem, não satisfeitos por venderem terra amassada com urina e dejectos que acodem ao volume levando pouca mistura de pó de carvão para lhe dar a cor necessária à ilusão do freguês e para persuadi-lo de que leva banha de cheiro, levando aliás, para sua casa e no cesto das compras, discos por bolas, feito

Teatro Maria Vitória
(AVENIDA PARQUE)

Lua Nova

A's 21 e às 22,30

daquela coisa, com que mantém o rescaldo da sua fogueira na confissão é no ímpeto das comidas feitas ao lume, coisa essa que, na melhor das hipóteses, é terra do quintal da carvoeira e pô de carvão, a razão comercial de doze vinténs a dúzia, sem mais uma para o gato, como se faz na venda das sardinhas.

Um negócio da China que não dá nas vistas do Comissariado dos Abastecimentos, como tanto outros que formam um rotário mais comprido que o cabo submarino que amarra em Carcavelos e põe o mundo velho em ligação telefónica com o mundo novo enquanto o diabo espreita um olho, que é o tempo preciso e de sobra, para o consumidor ser muito bem arredondado pelo honradíssimo comércio que, no dizer deste, não ganha para o seu pitó.

Tadinho del!

De maneira que mestre "Zé pagante" arredondado e estourado, sem zurrar, vai deixando o coiro e os pelos nas bancas cardadeiras daquela benemérita entidade, enquanto não fica sem os ossos perfurados pela avarice da submissão e o tutano que eles tem dentro, que é o mais gostoso e a última coisa que pode chupar-se a uma vez pacífica possuidora da predileção atávica pelo fogo-patriótico e pelo fangado com que o distraem para melhor passá-lo de capote e meter-lhe o estêque ate onde este objecto custou dinheiro.

Singularíssima alimária que já usava albarda nos «ominosos tempos da outra falecida senhora», que Deus haja e que não a que largar, persuadida de que esse distintivo ou atributo da sua soberania lhe assenta muito melhor sobre o espinhaço encarrado que um casabeque da última moda, a papo seco, como agora se diz e com rachinha atrás que é o *le dernier cri du chie parisien*, a *Lisbonne* e que particularmente e sobremaneira distingue os denominados pãesinhos da Aliança, sortz de alucania pela qual são conhecidos todos aqueles que tem reconhecida predileção pelo mais fino elegante da «alta roda» destravada.

José BENEDY

Amanhã 2.ª feira

Será posta à venda a n.º 2 da 2.ª série da

NOVELA VERMELHA

com o título:

Não, diz a lei

por Nogueira de Brito

Sindicato Ferroviário

Questão oficinas

NOTA OFICIAL

Não traduzindo ainda a satisfação as reclamações do pessoal o que a Companhia oferece que se resume em fazer a revisão dos jornais do mesmo, a fim de elevar os respectivos salários, a assembleia de hoje manifestou mais uma vez unanimemente, o mesmo desejo anterior: equiparação dos jornais ao operariado da indústria particular e a concessão das respectivas regalias em 1920 retiradas.

Ventilou-se mais uma vez a atitude da Companhia que, como transgredindo em parte, pretende sofismar o que oferece, não sendo, porém, aceite as suas propostas.

Das entrevistas realizadas deduz-se ter o próprio mais vontade de solucionar o conflito da parte do sr. ministro do Trabalho e respectivo chefe de gabinete do que propriamente da Companhia, prova da grande consideração que ela tem pelo seu pessoal.

Com o procedimento daquela, está-se demorando a solução desse conflito que poderá originar ainda piores consequências do que as que já hoje se sentem, prejudicando o público com o péssimo serviço de transportes feito nas linhas da C. P.

Continuas paragens de comboios em plena via com demora de horas, empurrando pela cauda para o respectivo destino, por o estado do material ser o peor, elas amanhã serão absolutas quando as máquinas que ainda se encontram boas, avariadas, e não haja quem as repare, como naturalmente sucederá, visto que não há meio da Companhia se compenetrar dos seus deveres para com o público e as necessidades atuais.

Segunda feira deverá realizar-se talvez a última demarcação com o sr. ministro do Trabalho, demonstrando-se assim que se tem procedido com toda a prudência e cordura.

E ninguém tem o direito de vir protestar amanhã contra um acto mais violento dos ferroviários, se os meios suávorios que temos adotado não consigam demover a Companhia do seu intento: esmagar o pessoal.

Ontem foi raro o comboio que não chegou atrasado em 2 e 3 horas, havendo um que chegou com 12 horas!

Correm por consequência, segundo diz a Companhia, os serviços na melhor ordem.

Não haja dúvida. Esperemos pelo resto.

Os Corpos Gerentes e a Comissão de Demarções.

Alcoólismo ou Revolução?
por Emílio Vanderveelde
PREÇO 125

Pedidos à administração de A Batalha

U. S. O.

Conselho de Delegados

Reúnem-se novamente, para se ocupar de diversos assuntos, mas muito especialmente da criação de dois tipos de pão e seu projecto de encarceramento. Presidiu o delegado do Sindicato União Têxtil, secretariado pelos delegados dos Sindicatos dos Compositores Tipográficos e dos Trabalhadores de Impressão. Apreciou-se o expediente que constava do seguinte: Ofícios dos Sindicatos dos Impressores Tipográficos, Manipuladores de Pão, Operários dos Tecidos de Seda, acreditando como seus delegados respectivamente, António Costa e António dos Santos Gonçalves, Francisco Domingos Vasques e José Abrantes Esteves, Jerónimo Jorge e Alvaro dos Reis.

Ofício do Sindicato do Pessoal da Carris de Ferro, acreditando Claudio dos Santos e António da Silva, para discutirem o assunto suspenso da anterior reunião.

Ofício do Sindicato dos Corticeiros do Povo do Bispo, convidando a U. S. O. a fazer-se representar em uma sessão solene que amanhã se realiza, sendo nomeados o secretário geral e um dos delegados do Sindicato da Construção Civil, depois de sobre o ofício se terem pronunciado vários delegados. Carta do delegado dos Tanoeiros, justificando as suas faltas ao Conselho e à Comissão Administrativa. Carta do delegado dos Compositores Tipográficos, justificando a sua falta por doença.

Ofício do Ministério do Comércio, marcando a entrevista com o respectivo ministro para ontem, segundo uma entrevista pedida.

Sobre a nomeação pronunciaram-se vários delegados, tendo sido finalmente nomeados o secretário adjunto e os delegados dos Sindicatos União Têxtil e dos Manipuladores de Calçado para se desempenharem dessa missão.

Um telegrama nos seguintes termos: «A Fraternal União dos Inquilinos Urbanos e Rurais de Portugal, associada à manifestação que leva a efeito contra as pretensões dos proprietários, louvando a vossa atitude e a do operariado lisboense em defesa dos interesses gerais do inquilinato que tam descurados tem sido por os governos. Saúde. O presidente, (a) Francisco Pereira».

Este telegrama foi tomado na máxima consideração por todo o Conselho.

Estavam representados os seguintes sindicatos: Construção Civil, Metalúrgico, Operários do Município, Carruageiros, Confeiteiros e Pastelheiros, Alfaiates, Distribuidores de Jornais, Tecidos de Seda, Manipuladores de Calçado, Compositores Tipográficos, União Têxtil, Impressores Tipográficos, Manipuladores de Pão e Trabalhadores de Impressão.

E' dado conhecimento ao Conselho, pelo secretário, das resoluções tomadas pelo Conselho Confederal da C. G. T. na sua última reunião. Sobre diversos assuntos e antes da ordem dos trabalhos, pronunciaram-se vários delegados, ficando alguns para serem discutidos na p. f. reunião.

"O Mundo"

Declarou-se em greve o seu pessoal tipográfico

Em virtude de a empresa do jornal *O Mundo* pretender voltar ao regime de trabalho de empreitada, há tempo abolido de comum acordo com o respectivo pessoal tipográfico, como de resto já sucede em alguns jornais de Lisboa, onde se trabalha a jornal, o mesmo pessoal declarou-se ontem em greve.

Antes, porém, desta resolução, uma comissão do quadro gráfico entendeu-se com a empresa, que manteve a sua pretensão, entregando por isso o caso à Associação dos Compositores Tipográficos.

Alguns membros da comissão administrativa deste sindicato, entrevistaram ontem o director *O Mundo*, procurando solucionar o conflito, atendendo a que as alegações da empresa sobre as razões que a levaram a tomar tal resolução são insubsistentes, porquanto, se as férias são exageradas, isso é devido ao trabalho feito após as horas regulamentares e depois do jornal estar com a matéria suficiente, sucedendo ainda que naquele diário os salários são inferiores aos dos outros onde o trabalho já é de jornal.

Feitas estas declarações à empresa de *O Mundo* pelos delegados da Associação dos Compositores Tipográficos, e como não chegasse a um acordo, ficou no mesmo pé o conflito, não se publicando hoje, por esse facto, aquele jornal.

Acaba de aparecer:

O DESERTO

(romance)

por Manuel Ribeiro

Preço 3500

Pelo correio registado 3430

Pedidos à administração de A BATALHA

Congresso Marítimo

Realiza-se em Leixões no próximo mês de Agosto

Com representação dos sindicatos aderentes e os do Seixal, Vila Franca, Barreiro, reuniu, tendo deliberado que o Congresso Marítimo se realize em Leixões, Porto, entre os dias 19 e 24 do próximo mês de Agosto. Para custear as despesas a efectivar com a propaganda e realização do Congresso, cada delegado contribuirá com 150 escudos.

Foram nomeados os camaradas para as missões de propaganda, tendo sido escolhidos para o Norte e centro do país, José de Almeida, João Ferreira e João José, e para o Algarve, Eduardo Aguiar e Manuel Pereira Ramilo.

No final foi aprovada uma saudação às classes organizadas, à Batalha e C. G. T.

Trabalhadores: Lede e propagação A BATALHA

Resolveu-se que a questão levantada na última reunião pelos delegados dos compositores sobre o aspecto gráfico de *A Batalha* fosse adiado por virtude da doença de um dos seus delegados, segundo a comunicação inserida acima.

A questão do pão

Na ordem dos trabalhos discute-se a grave e momentosa questão do pão, tendo o assunto sofrido larga discussão por parte dos delegados dos Sindicatos dos Alfaiates, Manipuladores de Pão, Construção Civil, Metalúrgico e outros, tendo sido apresentada e admitida a seguinte moção:

«Considerando que o parlamento acaba de votar o regime de dois tipos de pão, o qual é imoral, não só pelas traficâncias a que se presta, mas ainda por se atravessar um regime de sacrifícios, não se compreendendo a desigualdade de mais de um tipo desse imprescindível alimento;

Considerando que a criação dos dois tipos de pão trará como consequência o encarceramento do mesmo, visto que esta medida será para beneficiar a burguesia, que tem o produto da sua improdutividade para se alimentar de pão fino, ao passo que o de 2.ª será péssimo e mais caro, como se tem verificado, sempre que se tem usado do regime de mais de um tipo;

Considerando que compete ao operariado de Lisboa estar alerta para as surpresas que sobre este assunto virão, comparecendo em todas as reuniões que esta União promova;

O Conselho de Delegados da U. S. O. de Lisboa, reunido em 13 de Julho, resolve:

1.ª Protestar veementemente, por imoral, num regime democrático, contra o estabelecimento de dois tipos de pão;

2.ª Evitar que o novo tipo de 2.ª seja pior do que o actual, mais caro, ou que falte no mercado;

3.ª Realizar sessões, comícios, conferências, etc., de molde a interessar não só o operariado, mas também aquela população de Lisboa a quem afecta o novo sistema dos dois tipos;

Esta moção, em virtude do adiamento da hora, ficou para discussão, resolvendo o Conselho que o mesmo reúna hoje, pelas 19 horas.

Antes de se suspender a sessão, foram por diversos delegados tratados diversos assuntos de interesse para a organização operária.

Para continuação dos trabalhos iniciados no Conselho de quinta-feira p. p. e que dizem respeito aos estabelecimentos dos dois tipos de pão, reúne hoje, pelas 19 horas, o Conselho de Delegados.

E' possível que neste Conselho sejam também tratados os casos do inquilinato e horário de trabalho, sendo de absoluta necessidade que compareçam todos os delegados, visto a responsabilidade que os sindicatos tomam se os seus delegados faltarem.

Classes que reclamam

Corticeiros de Aldegaleta

Reúnem na terça-feira, pelas 15 horas, os operários corticeiros de Aldegaleta, no respectivo sindicato, para apreciar a resposta dos industriais sobre o aumento de salários e resolver o caminho a seguir.

Operários boteiros de Vila Nova de Gaia

No Sindicato Único da Indústria de Vestuário (2.ª secção de Gaia), reúnem os operários da especialidade de boteiros para se ocuparem das suas reclamações de aumento de salário. Depois de acalorada discussão a propósito da oferta feita pelas casas João da Costa e Amorim & C.ª Lda., foi unanimemente rejeitada, não se traduziu uma insubmissão, ficando de pé as primitivas reclamações.

Em princípio foi votada a greve nas oficinas dos industriais Amorim & C.ª Lda., que só concede 10% de aumento, repellidos pelos operários daquela casa.

Foi dada por terminada a greve na casa José Craissagne, por haver integralmente atendido as reclamações que lhe foram presentes.

Mecânicos de açúcar

Para apreciar os trabalhos da comissão que anda tratando do aumento de salário, reúne hoje, pelas 10 horas, os mecânicos de açúcar.

Manipuladores de Farinhas, Massas e Bolachas

Reúnem hoje, às 15 horas, em assembleia magna, a fim da comissão de melhoramentos dar conta das demarções realizadas.

"A BATALHA"

no Barreiro vende-se na leitaria L.ª vai. Rua Joaquim António de Aguiar.

António Aurelio da Costa Ferreira

Suicidou-se em Lourenço Marques, este illustre antropologista

Suicidou-se em Lourenço Marques, o dr. sr. António Aurelio da Costa Ferreira, que tinha ido para aquela cidade a convite do alto comissário de Moçambique a fim de organizar um museu científico e proceder a estudos de antropologia, naquela região.

O dr. Costa Ferreira era um médico illustre, um antropologista distinto e um excelente pedagogo.

Era, desde os primeiros tempos da república, director da Casa Pia. Foi professor da Escola Normal de Bemfica e lente da Universidade de Lisboa. Republicano, desde a monarquia, chegou a ser ministro do actual regime, tendo porém a breve trejeito abandonado a politica, por lhe repugnarem as suas combinações torpes e as complicações que a levavam.

A sua morte causou consternação nos meios científicos.

O dr. sr. Costa Ferreira deixa viúva e três filhos na orfandade.

Um alvitre interessante

A caixa de solidariedade deve ser sindical e não extra-sindical

Tendo apreciado as diferentes opiniões sobre a caixa sindical, auxílio a prestar aos presos por questões sociais, como por exemplo: o artigo publicado por N. Cunha, julgo que, neste momento, devo apresentar a minha opinião sobre este assunto.

Começarei por dizer: Tem tido sempre razão de queixa, e continuava a tê-la, todos os camaradas que se tem encontrado presos e continuam na mesma sobre o auxílio que se tem prestado e continua a prestar, pois que, não faz sentido que existindo o sacrifício pessoal de qualquer camarada para o bem da classe proletária, seja esta quem o obrigue a passar a maior das privações, quer na prisão, quer em refúgio, para se libertar da maldita prisão. Assim como ela passa estas privações, obriga sempre os seus entes mais queridos a passá-las junto com eles, porque até hoje ainda não remediou este mal.

Mas há a necessidade absoluta de que com o critério devido se trate da situação daqueles que se encontram encarcerados e daqueles que o venham a ser, ou perseguidos pelas hostes capitalistas.

Haverá remédio para este mal?

Sim, há: apresentar trabalhos práticos para tal remédio, e não continuarem uns acusando os militantes, e outros a massa em geral. Se isto digo é pela razão que todos conhecem, que quem faz o bom militante é a massa, pois que esta lhe dá o verdadeiro alento para que ele não arrepeie caminho; e assim, para que essa massa em geral tal compreenda, necessitamos que a propaganda a fazer seja a mais perfeita possível, sem paixão, para que ela seja bem compreendida e acolhida por todos e não criar um ambiente de desconfiança, por tudo e por todos, que é este o ponto mais perigoso que existe para a organização operária, o que não é conveniente.

Porque quero entrar na demonstração de trabalhos práticos, como acima digo, devo dizer que não concordo com o alvitre do camarada Nascimento Cunha, porque entendo que só deve existir uma caixa de solidariedade em todo o país, com responsabilidade sindical, sem interferência seja de quem for.

Logo só contribuirão para essa caixa operários sindicais, assim como só esses terão o auxílio da mesma.

Na parte que diz respeito a não poderem delegados operários tratar com verdadeiro conhecimento da situação dos presos por questões sociais por falta de conhecimentos jurídicos, devo dizer que existindo a caixa de solidariedade como é da minha opinião (ou melhor ainda que aparece), acaba-se imediatamente com essas deficiências, visto que se pode assalarar pessoal competente a quem se exija todo esse trabalho visto dentro não viverem, (como advogados e procuradores) e já os delegados operários deixam de desconhecer estes serviços porque simplesmente tem que fiscalizar o serviço daqueles para não consentirem que continuem as mesmas anomalias que tem acontecido até hoje.

Diz também N. C. que há muitos camaradas que não podem ser sindicais: e é esta a razão porque entendo que a caixa deve ser nacional e extra-sindical: vejo que todos esses camaradas se encontram inibidos de ingressar na caixa sindical. Por esse motivo, deveriam formar uma caixa de solidariedade só entre si, onde davam ingresso todos esses camaradas e ainda aqueles que a ela simpatizassem. Dito isto parece-me já ter apresentado a minha opinião sobre o "Alvitre".

Para apresentar a minha opinião sobre a "Caixa Sindical" principiarei por a demonstrar:

Não devem existir caixas de solidariedade nos Sindicatos, nem nas Federações.

A cada a apresentar no próximo congresso deve ser igual em todo o país, (como varios camaradas já o demonstraram) e deve ser de cinquenta centavos (\$50) por semana e por sindicato, que devia ser assim dividida, (para que a organização seja o que deve ser, assim como a caixa de solidariedade, conselho jurídico ou comissão pró-presos):

C. G. T., \$05 por semana e sindicato; Federação de Indústria, \$07 por semana e sindicato; Caixa de Solidariedade, \$05 por semana e sindicato; *Batalha*, \$05 por semana e sindicato; Locais, \$02 por semana e sindicato; Conselho Jurídico ou Comissão Pró-Presos, \$01 por semana e sindicato.

Como vêdes fica para o Sindicato a quantia de \$22 centavos, que pagando a cobradores a percentagem de 10% vem a ficar com \$17 centavos para o seu funcionamento.

Vejam a razão que me leva a crer que esta divisão como está feita deve dar para o desenvolvimento sindical e auxílio prisional, e bom funcionamento jurídico e do jornal *A Batalha*.

Feçamos a conta de que 50.000 sindicados estão em dia com a C. G. T.: logo teremos: C. G. T., 50.000 x \$08 = 4.000\$00 semanais; *Batalha*, 50.000 x \$05 = 2.500\$00 semanais; C. S., 50.000 x \$05 = 2.500\$00 semanais; C. J. ou C. P., 50.000 x \$01 = 500\$00 semanais.

Devo lembrar que a cada de \$01 centavo que apresento é para o encargo do Conselho Jurídico ou Comissão Pró-Presos, e auxílio a prestar a todos os perseguidos estrangeiros, deixando de ter esse encargo a Caixa de Solidariedade, Federação e C. G. T.

Apreciar, pois, camaradas, e dei a vossa justiça, se deve ser assim ou não, porque eu julgo ser a melhor forma de evitarmos tanto sacrifício da parte daqueles que são encarcerados.

Estará assim bem? Não está? Veremos.

Lisboa, 14-7-1922.

Júlio de Matos

Operário metalúrgico sindicalizado

Os especuladores

O ministro da Agricultura, por intermédio da secretaria do interior, requisiu a captura dum indivíduo que pertenceu a Alentejo, comprando trigo por preço superior ao da tabela últimamente publicada.

AS GREVES

Aos operários do Mobiliário

Camaradas: Os nossos adversários conluídos na «patronal», adiando a solução do conflito, pretendem tomar-nos o pulso e ver se fraquejaremos com a entrada na 18.ª semana de luta.

Já tendes demonstrado que tudo preferis à traição!

Apesar de vos terem condenado a uma intriga pela fome, sabeis lutar em mais uma semana de luta, altivamente e com a consciência de que cumpris o mais sagrado dos deveres, defendendo os vossos lares e a dignidade da Organização a que pertenceis!

O vosso comité incita-vos a que, sendo grevistas cumpri como tal com o vosso dever; estando já a laborar vinde amanhã, na vossa máxima força, demonstrar que estais moralmente em luta contra todos aqueles que, através uma existência inteira, vos tem snagado.

Acorrei hoje todos à assembleia que se realiza às 14 horas, a fim de vos preparardes para a jornada de amanhã.

O Comité Central.

Operários mobiliários

NOTA DO COMITÉ

Camaradas: Tudo como dantes... e as nossas previsões traduzidas em factos.

A reunião dos nossos adversários, convocada parcialmente para evitar o pronunciamento dos chamados industriais extremistas, deu em droga; quer dizer: foi adiada pelo reduzidíssimo número que compareceu que é a classe, composta por indivíduos que não tendo assalariados negociam em mobiliário do Norte e outros que, tendo os armazéns vazios, de orleão murcha vão esperando muito lentamente que a *patronal* lhes ordene o caminho a seguir. Por agora receberam a ordem de adiar as resoluções a tomar sobre o termo do conflito e, rindo uns, barafustando os outros, foram afastando-se da casa que para alguns já é fatídica.

Para nós, está exuberantemente provado que a «patronal» não olha a meios para atingir os fins. Pensou esmagar a parte industrial puxando a si a parte do comercialismo que é o que mais lhe pode dar; e assim o vai conseguindo. Os industriais já são coisa nula; e se exaustos tiverem que gemer não será ela quem lhes ouvirá os queixumes.

Assim se vê que, se a sua pretensão é o esmagar-nos, ela não pôde duvida em passar por cima dos cadáveres exangues dos pequenos industriais, pobres de espírito.

O nosso esmagamento tem sido pois e será, doce ilusão com que a classe guirá a ruína dos que, plenos de fé, se lhe entregaram cegamente.

Entretanto, os patrões que estão na «lista negra» continuam a não ter mãos a medir, desejando que a greve não finde, outro tanto acontecendo com os caixeiros de importação do Norte que, tendo armazéns a abarrotar de sucata, pretendem colocar.

Para estes últimos temos nós belos meios de defesa que apresentaremos em ocasião oportuna.

O adiamento, terá ainda o objectivo de experimentarem se somos capazes de entrar com a mesma alvive na 18.ª semana de luta?

Vão ter a prova! Os operários do mobiliário, apesar de saberem recalar no íntimo a revolta que sentem contra a canalha que os explora, são de rija tempera e à prova de resistência contra todas as *quixotesas* arremetidas e sabem muito bem dar tempo ao tempo.

Por agora, limitamo-nos a desviar a taboa de salvação a que alguns dos mais preveros procuram agarrar-se.

Alguns freguezes incautos tem sido

inuzidos a comprar mobiliário em branco mandando-o polir por sua conta.

Nenhum operário tal deve fazer! Ontem mesmo pretendia um senhor mestre d'obras recrutar operários, com a promessa de os fazer guardar pela polícia, para em casa dum freguez polir mobiliário da casa Mata & C.ª, porém, enganou-se... não somos dessa qualidade.

Operários do mobiliário: Fortalecidos por estes 118 dias de sacrifícios, prosseguem em demanda da vitória!

O Comité Central

Assembleia d'hoje é às 14 horas.

Refinadores de Açúcar

Continua sem solução a greve desta classe, que se encontra disposta a ir até ao fim, aguardando que os industriais cheguem a um acordo. Uma comissão procurou ontem os industriais, os quais não dão resposta sem voltarem a reunir.

Os refinadores de açúcar não retomaram o trabalho sem serem atendidas as suas reclamações.

Os operários que foram presos já se encontram em liberdade.

NO PORTO

Operários tamanqueiros

Após algumas semanas de resistência heróica terminou vitoriosamente a greve dos operários da especialidade de tamanqueiros. Para este triunfo completo, que levantou bem o nível moral desta prestantíssima classe, contribuiu o espírito solidário de todos os seus membros, solidariedade que foi até ao sacrifício, pois muitos daqueles que já trabalhavam subversivamente, para os que ainda se conservavam em luta, com dezenas de escudos semanais. Com satisfação, registamos esta vitória operária e estes exemplos de solidariedade.

EM ALDEGALEGA

Enfardadores de cortiça

ALDEGALEGA, 14. — O industrial José Peixe, da fábrica de cortiça desta vila, mandou afixar no portão da fábrica um aviso ao seu pessoal dizendo que em vista dos operários enfardadores se terem declarado em greve e não ter espaço na fábrica para pôr a cortiça fabricada, encerrava as suas portas até aqueles operários retomarem o trabalho. O pessoal reuniu, e a número de 130 operários, na Associação de Classe dos Corticeiros para apreciar o conflito existente, resolvendo nomear uma comissão que foi entrevistada o encarregado Manuel Joaquim Banha, porque o industrial se ausentou desta vila.

Os operários encontram-se exaltadíssimos com o procedimento do encerramento (roceiro) que quer, com o encerramento da fábrica, que os restantes operários obriguem os enfardadores a retomarem o trabalho, mas pensou mal, porque o pessoal pôs-se ao lado dos seus colegas e não retoma o trabalho sem serem satisfeitos as reclamações dos enfardadores.

A comissão foi recebida pelo encarregado Manuel Joaquim Banha, que disse não dar o aumento aos enfardadores e que esperassem pelas resoluções da secção corticeira da Confederação Patronal no dia 18 do corrente, e que as portas da fábrica só se abrirão quando os enfardadores retomarem o trabalho, ou que então abria inscrição para novo pessoal.

Conservam-se em sessão permanente.

Operários têxteis da Covilhã

COVILHÃ, 15. — T. — Foi declarada, com grande entusiasmo a greve geral dos operários da indústria têxtil, pelo facto dos industriais se terem recusado abastidamente a satisfazer as suas justíssimas reclamações.

Os grevistas estão animados, mantendo-se na disposição

A Batalha na provincia e arredores

As inspecções militares na provincia são burlas e atentados contra o trabalho e produção

Praia da Nazaré

Inspeção militar

Conforme a incongruente tradição, chegou-se nos últimos dias a inspecção militar dos mancebos desde conceição, mais justamente a escolha ou seleção dos mais robustos e vigorosos filhos do povo que uma vez subtraídos ao trabalho fecundo e ao convívio alegre e repleto da família, irão, sepultados em um velho casarão sem higiene, e, à fôrça disciplinada que avilta e enrijece, minados cruelmente pelo infestido desgosto proveniente da derrocada de um sonho dourado ou de uma carreira perdida, contribuir para a demora e manutenção de uma entidade cujo primacial papel na sociedade é amarelar o oposto aos seus mais insuperáveis ditos...

A Batalha

Este fervoroso e inconsciente lutador de ideias novas e dos direitos das classes trabalhadoras, que, à excepção de seus velhos assinantes, era aqui desconhecido, já conta mais de dez mil de leitores, dias havendo de o número de exemplares vendidos não eram, tal como aconteceu a quando nossa última correspondência.

Aldegallega

Exploração dos proprietários

Patam, freguezia de Boliuqueim, lavradores que não respeitam o horário de trabalho de 8 horas, assim como o rico proprietário Henrique de Barros, que obriga os seus trabalhadores a irem duas leguas desviadas de Patam, trabalhar de sol a sol pela insignificante importância de 2500, e os proprietários da Companhia de Cervejas, de Patam, que dão aos seus operários, 3500 desde as 7 1/2 horas às 20 horas, com uma hora para comer.

Vila do Conde

Convivência... perigosa

Em Vila do Conde, apesar de haver um fanatismo religioso estúpido e cego, João não se fustiga por sentimento de devoção religiosa, como seria lógico, e se, o que é, sem dúvida, confirmação de que a religião, é uma pura mentira, o maior entrave à emancipação do povo escravizado e explorado. Festeja-se o espírito de diversão, de cubícia e de vaidade.

Nesta terra há uma indústria bastante desenvolvida e atraente, embora um tanto quanto particular, na qual se emprega a maioria da mocidade feminina. Essa indústria é a de rendas de bilros, e, diga-se de passagem, muito admirável, tendo sido, em diversas exposições, dos lindos e variados trabalhos proporcionais apresentados, os quais são, pelas suas macias e delicadas nuances das jovens e simpáticas raparigas. Porém, são muitas vezes vítimas da sua generosa psicologia que permite que muitos amaleirados burgueses desta terra, abusen e atentem contra a sua honestidade.

Assim, estes patifes, abusando da ingenuidade deste povo conseguiram conquistar com as suas hipocrisias amáveis e com as suas cínicas pretensões de atenção, a simpatia e a estima das mulheres, e hoje, convivendo todos rendilheiras, operários e burgueses, uma falsa e prejudicial confraternização, promovem festas ao Sr. João e ao Sr. Pedro, fazem revistas, e a principal razão são as danças e os desfiles de que eles são os instrutores e influentes, do que o perverso intuito de prosternar as filhas e mulheres do povo!

De maneira que assim se criaram dois inimigos completamente rivais — o Sr. João e o Sr. Pedro — e os seus respectivos partidos.

Assim existe, em Vila do Conde, dois povos dentro do mesmo povo, que se odeiam e maltratam para suprema glória.

Boletim de A BATALHA

Francisco Gicca

JUSTIÇA SACERDOTAL

—Deixa-as cá comigo que vou reparar bem tudo e não quero com responsabilidades; disse Gertrudes que foi a velha quem lhe disse tantas coisas até me obrigarem a dizer desatinos na igreja. —Pois está visto. —Comigo no fim de contas não deve estar zangada, porque não fosse eu, naquele dia da ocasião matavam-na, e eu arriscando a minha vida fui defendê-la arrancando-las das mãos de Carolina e das duas filhas que queriam matá-la à pancada... e hoje é avulsas dizer que lhe querem matar as meninas dos seus olhos. Mas não me deixarei enganar; cada um com as suas responsabilidades. Hoje mesmo dir-lhe-ei toda a verdade. —Faz o senhor muito bem, porque eu sei que os Carpi não me dizem que o senhor é um homem de toda a culpa e que se não fosse o senhor, Pedro estaria hoje preso com Gertrudes.

A Batalha TEATROS & CINEMAS

A primeira representação de "A Rival", de Kirs: temakers e Delorde, no Politeama

A nossa plateia feminina devia ter otem saído, demasiado satisfeita, do teatro Politeama, porque a peça de Kirs-temakers e Delorde "A Rival" é daquelas que sensibiliza o coração da mulher, naturalmente sentimental por completão e a quem agrada de preferência os lances dramáticos, em que o amor pontifica com o seu domínio de monarca absoluto, obedecendo servilmente, até pelos que são inimigos de todos os tiranos! Os dois caracteres que na "Rival" se entrecrocavam, não são, é certo, igualmente bem vistos, havendo mesmo quem acuse uma certa incompreensibilidade no temperamento duma das figuras femininas (Simone) cuja exteriorização de sentimentos nos desconcerta sobre a classificação a dar a essa alma ardente de mulher, que um orgulho exagerado, encobre a impetuosidade escaldante da carne a palpitante de luxúria! Esse orgulho que ela pretende originar no espírito de independência não encontra em toda a peça uma razão de ser, e só pode ser aceite como a pérfida dissimulação do organismo apaixonado pelo contacto da carne que apetece e faz apeteer, sem que uma hesitação a amortecesse, no seu desejo sensual. Vistos frente a frente esses dois temperamentos, ainda mais se lhes acentua a diferenciação e a desconexão.

A sordidez de Simone, a mulher fatal que desmancha um lar feliz, opõe-se a tenacidade afectiva e honesta de "Anne" a viver sempre das suas recordações confortantes e em que a abdicção do que o seu carinho construiu, só é um

Reciames

Foi grande e justo o sucesso alcançado ontem, no Coliseu dos Recreios, pela magnífica companhia italiana de opereta que ali realizou a sua estreia com a peça de grande espectáculo "Princesa das Cárdeas", cuja interpretação o público aplaudiu com entusiasmo. O trabalho foi magnífico por parte de todos os artistas salientando-se o de Dora Domar, Dora Teor, Henrique Borghese e Armando Gianni que foi impecável. Os corpos coral e de baile são admiráveis e a música admirável. A "Princesa das Cárdeas" repete-se hoje.

—E' hoje o 2.º domingo em que no S. Luis se representa a famosa revista de Praxedes, e como nos dias de semana a concorrência tem sido enorme, como todos o afirmam, hoje será positivamente a trasbordar. A revista de Praxedes é, no género, uma peça verdadeiramente modular, cheia de espírito esultante e exibida com um brilhantismo e aparato sensacionais.

—Realiza-se hoje no Teatro Avenida a última representação da engraçada comédia "O Paço", em que Chaby tem um esplêndido trabalho.

Amanhã, a pedido e em recita única, a aplaudida comédia "A Maluquinha de Arroios".

Terça-feira, festa artística da actriz Jesuina de Chaby.

—Quem vai à feira do Avenida Parque, não deve faltar à sua maior atracção, que é, incontestavelmente, constituída pelos admiráveis espectáculos do Teatro Maria Vitória, com o deslumbrante e graciosíssima revista "Luz Nova". Hoje e sempre as sessões são duas, às 21 e às 22.30, não deixando de reinar ali, como é costume, a maior alegria e entusiasmo.

Esclarecimento oportuno

Uma rivalidade de bandas musicais que desconfheciamos e uma carta de Miguel Correia

A propósito duma notícia do Barreiro, publicada anteontem na "Batalha", o nosso camarada Miguel Correia escreve-nos o seguinte: "Meus caros camaradas: Pegu-lhes a publicação do que se segue, não pela importância que o assunto possa ter para a organização, mas para hora de A Batalha e dignidade de nós todos, nos prezamos de ser leais e sinceros. A inauguração do troço de linha, Portimão-Lagos, provocou no Barreiro um entusiasmo justificado entre as duas bandas, a sua maioria composta por ferroviários, ambas teriam desejo de fazerem o seu concurso a essa inauguração. Sucede, porém, que elementos isolados, sem nenhuma representação colectiva, procuraram preferências injustificadas para uma das bandas, utilizando vários processos, pouco aceitáveis, com desrespeito da respectiva Direcção, o que provocou protestos da outra colectividade. Levantada a questão das paixões insatisfeitas, alguns camaradas do S.º procuraram por meio de uma comissão das festas de Lagos resolver que as duas bandas ali vão, ficando a questão liquidada.

Ante-ontem, A Batalha surge com uma notícia, revolvendo o assunto colocando em cheque uma das partes. Ora A Batalha, que nada tem com o caso, não pode alimentar despoitadas vaidades ou paixões, que estavam liquidadas e daí a referida notícia ter ocasionado à Batalha um momento desagradável. Pondo, aqui estão no seu logar, não

rolina entrando em casa, —mais de um terá que vir aqui com o chapéuzinho na mão para que não o deixemos morrer de fome, e tu, Pepe, a primeira coisa que tens a dizer à tua noiva é que o melhor administrador das terras da aldeia e de R... somos nós, e não esses dois padres para quem a missa já lhes dá bastante para viver.

D. Rafael mal que chegou a Bari dirigiu-se à casa que noutros tempos ocupava o cônego e na qual viviam a viúva e suas filhas. Debaixo da direcção de Nina, que tinha sido primeiro criada e depois amã numa casa luxuosa, severa habitação do sacerdote tinha-se transformado notavelmente. Tinha comprado muitos móveis novos, tendo para o seu serviço um porteiro, três criadas, uma amã e uma cozinheira.

Nina tinha-se transformado num dia numa patroa exigente e presunçosa que dava lições a Gertrudes, que se pavoneava no novo ambiente, julgando-se "uma rainha" toda poderosa e sonhando na sua entrada triunfal na aldeia que tanto a desprezara.

A mãe, paraltica e impossibilitada de se mover, tinha uma criada para cuidar dela, enquanto que as outras duas se ocupavam nos outros serviços e a amã seca tinha ao seu cuidado o menino de Nina que tinham trazido da amã de leite. Quando o cura deu o seu nome ao porteiro, este comunicou-o a uma criada que o fez entrar para a ante-sala e daí para um salãozinho que o deixou assombrado. —Sente-se, faz favor —disse-lhe, —as senhoras veem já. Nina, no seu gosto de campanês, com pretensões de conhecida do que é luxo, retirara um conjunto de móveis de cores vivas que impressionou o sacerdote, mas que teria produzido muito mau efeito a um entendido. D. Rafael sentou-se com cuidado numa luxuosa poltrona e murmurou: —Que riqueza! Sem dúvida o cônego deixou-lhes muito mais do que se julgava. Momentos depois entraram Nina e Gertrudes, vestidas ambas de negro, penteadas com cuidado, perfumadas e com ar de rainhas de comédia, enquanto o padre deslumbrado, quasi não as reconhecendo, se deslazia em reverências. Elas com ar protector

Diário da Manhã Um pouco de tudo para todos

CALENDÁRIO DE JULHO

S.	1	8	15	22	29
D.	2	9	16	23	30
T.	3	10	17	24	31
Q.	4	11	18	25	
S.	5	12	19	26	
Q.	6	13	20	27	
S.	7	14	21	28	

MARÉS DE HOJE

Praia-mar às 7,25 e às 19,49
Baixamar às 0,32 e às 12,55

CARRERAS DE VAPORES NO TEJO

De Lisboa (C. Sodrê) para Cascais, às 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27, 30, 31. De Cascais para Lisboa, às 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27, 30, 31. De Lisboa (C. Sodrê) para o Seixal, às 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27, 30, 31. De Seixal para Lisboa, às 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27, 30, 31. De Lisboa (T. Paco) para o Barreiro, às 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27, 30, 31. De Barreiro para Lisboa, às 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27, 30, 31.

Movimento Marítimo

Navios a sair	Dias	Destinos
Cita di Messine	16	New-York
Curvelo	16	Southampton Ha-
Almanzora	17	Madri, Brasil e Argentina
Araya	19	Vigo, Cherbourg e Southampton
Antônio Delim	19	Hamburgo
Rosetti	19	Brasil
Ortega	19	Brasil e Argentina
Canada	20	Beyrouth, Jaffa, Smyrna, Pireu e Marsela
Portugal	20	Funcho, Las Palmas, S. Vicente e Africa Occidental
S. Miguel	20	Madeira e Açores
Dario	22	Brasil e Argentina
Entrearteux	22	Tenerife e Brasil
Santa Fe	24	Madeira e Açores
Orânia	31	Las Palmas, Brasil e Asia

EXPOSIÇÕES E MUSEUS

ANTROPOLÓGICO E GALERIA DE GEOGRAFIA — Rua do Arco a Jesus. — Todos os dias úteis, das 10 às 18, com licença. AQUÁRIO VASCO DA GAMA. — Dalfundo. — Todos os dias, das 10 ao pôr do sol. ARQUEOLÓGICO. — Largo do Carmo. — Todos os dias, das 10 às 18, com licença. ARTELARIA. — Largo do Museu de Artilharia. — Todos os dias úteis, das 10 às 18. COLONIAL E ETNOGRÁFICO. — Rua Eugénio dos Santos. — Aos domingos, das 10 às 18. ETNOLOGICO PORTUGUES. — E. Ilhio das Terceiras. Belem. — Todos os dias úteis, das 10 às 18. GEOLOGICO. — Rua do Arco a Jesus, na Academia das Sciéncias, 2.º pavimento. JARDIM ZOOLOGICO. — Exposição permanente. JOSE VICENTE BARBOSA DU BOIS. — Escola Politécnica. — Quintas-feiras das 12 às 16. MISERICORDIA. — Largo de Trindade Coelho. — Último domingo do mês, às 15-20. NACIONAL AGRICOLA. — Tapada da Ajuda. NACIONAL DE ARTE ANTIGA. — Rua das Janais Verdes. NACIONAL DE COCHES. — Praça Afonso de Albuquerque. — Todos os dias úteis, das 12 às 17. NACIONAL DE MARINHA. — Largo do Chafariz, 22-A. — Terças e domingos, A's 9h. — 20 centavos.

Queixas e reclamações

Escreve-nos Angelo Alberto Direito, travessa da Boa Hora, 25, queixando-se de que o cabo de policia 79, da 3.ª esquadra, o prendeu sob a acusação de vadio, sendo restituído a liberdade por se provar a falsidade da acusação. E é assim que se arranja um cadastro de trabalhadores.

Trabalhadores: Lide e divulga

Aprendizes de correio

Precisam-se, quatro, com prática de costura. Paga-se bem. Rua Neves Piedade, L. O. rto. D., ao Rego.

Operários precisam-se

Carpinteiros e pintores para carruagens. Dirigir à rua da Padaria, 32. 1.º

AGRICULTURA

Cultura das árvores frutíferas. (Continuação). — Gringira. — Diverge da cerejeira em ter os frutos agrioceros e menos volumosos. Mesmas condições que a cerejeira.

Laranjeira. — Magnífica árvore de ar livre nos climas temperados e quentes; folhagem larga, permanente e luzida; frutos dourados. Requer terrenos siliciosos, graníticos ou aluviais, leves, fundos e frescos, em planícies, vales ou taboleiros abrigados ao norte. Resistência a seca; mas gosa e melhora em copulência e frutos, sendo irrigada no verão, para o que se cultiva no terreno dos laranjais, milho e feijão de regadio. Floresce em Março e Abril, quando ainda tem frutos da passada floração. Nos climas quentes (Algarve) esta árvore dá frutos comestíveis de Novembro a Abril; e na mesma região, variando de altitude, a laranjeira floresce e frutifica mais tarde: pelo que se segue de ela frutos todos o ano. Requer cultura esmerada. Reproduz-se semente. Exorta-se de garfo na própria espécie, em cidreira e romeira. A laranjeira enxertada em romeira, produz saborosos frutos de gomos roxos e casca de um amarelo avermelhado. Variedades: Tangerina, Laranjeira da China, Laranjeira Prata.

VULGARIZAÇÕES

Tonelagem dos navios. — A palavra tonelagem é empregada para designar coisas completamente diferentes e daí provém confusão. Tonelagem de deslocamento. — Exprime o peso total do navio quando imerso até à linha de água carregado, expresso em toneladas de mil quilos. Em Inglaterra as toneladas têm 1.016 quilos.

Tonelagem de registro bruto (Gross register tonnage). — Capacidade interna do navio e das construções no convés em metros cúbicos dividida por 2,83, ou, em pés cúbicos ingleses, dividida por 100.

Esta secção foi iniciada em 1 de Junho. Os camaradas que a desejarem, ecolonar, podem fazer os seus pedidos de exemplares a esta Administração.

CAMBIO

Países	Moedas	Ao par	Comp.	Antem
Alemanha	Marc	855	4028	4028
Austria	Corona	81,3	112	112
Belgica	Francos	81,8	1054	1054
Espanha	Pestas	81,8	2097	2097
E. U. A.	Dollars	89,4	13403	13403
Francia	Francos	81,8	18087	18087
Holanda	Florins	87,2	2157	2157
Inghlaterra	Liras	85,9	88400	70400
Italia	Liras	81,8	8802	8819
Suica	Francos	81,8	24331	24331

TEATROS E CINEMAS

POLITEAMA — A's 21.30 — A Rival. AVENIDA — A's 21.15 — O Papão. S. LUIS — A's 21.15 — A revista de Praxedes. APOLO — A's 21.15 — A Vida. CHIADO TERRAS — A's 21.15 — Tiro ao Alvo. MARIA VITORIA (Feira Mayor) — A's 21 e 22.45 — Luz nova. CIRCO ROYAL (Feira Mayor) — A's 21 — Companhia equestre. COLISEU — A's 21 — Companhia de Opereta Italiana — Princesa das Cárdeas. EDEN THEATRO — A's 20.30 — Animatografo e variedades. CONDES (Avenida) — Animatografo. CENTRAL (Avenida) — Animatografo. CINEMA PARQUE (Feira Mayor) — A's 20.30 — Animatografo. ROSSIO (Arco Bandeira) — Animatografo. CHANTECLER (Avenida) — Animatografo. IDEAL (Loreto) — Animatografo. EX ELISOR (Teatro dos Anjos) — Espectáculos cinematograficos, às 20.30. PROMOTORA (ao Calvario) — Animatografo.

HORÁRIO DOS COMBOIOS

Linha de Sintra			
Partidas de Lisboa	Chegadas em Sintra	Partidas de Sintra	Chegadas em Lisboa
0,35	1,39	0,12	1,09
6,10	7,19	6,15	7,14
7,45 a	8,16 a	7,35	8,33
8,59 a	9,30 a	8,32	9,20
9,10 b	10,22	8,40 f	9,11
10,10	11,21	9,51	10,25
11,27 b	12,39	9,40 e-f	10,10
12,15 b	12,51	9,51	10,25
12,50 c	13,59	12,00	13,02
14,00 b-d	15,09	15,35 e	16,34
15,30 e	16,36	17,01	18,00
17,30 a-e	18,00 a	18,10 e-f	18,32
18,00 e	18,51	18,25 b	19,24
18,15 a-e	18,46 a	18,56 e-f	19,24
18,15 b	19,19	19,32	20,30
18,58 e	19,53	21,02 b	21,59
19,30 e	20,06	22,40	23,38
19,55	21,02	—	—
21,00 b	22,04	—	—
22,47	23,50	—	—

a. Só até Quêlez. — b. Só aos domingos e feriados. — c. Não há aos sábados. — d. Só aos sábados. — e. Só nos dias úteis. — f. Só de Quêlez.

Linha de Cascais

Partidas de Lisboa	Chegadas em Cascais	Partidas de Cascais	Chegadas em Lisboa
0,45	1,38	0,15	1,08
7,20	8,26	5,55	7,01
9,00	10,01	7,30	8,36
10,30	11,36	8,25	9,31
12,50 a	13,31	9,04	9,45
13,00	14,01	9,50	10,40
14,00 a	15,03	11,15	12,12
16,00	17,02	12,40	13,39
17,25	18,31	14,30	15,27
18,15 b	19,12	16,00	17,06
18,50	19,31	18,00	18,59
19,00	20,06	19,00	19,59
21,40	20,45	19,44	20,43
21,10	22,03	22,30	23,23
23,10	00,03	—	—

a. Só se efectua aos domingos e feriados. — b. Não se efectua aos domingos e feriados.

Conselhos, Fórmulas, Receitas, etc.

Tonelagem de registro líquida. (Registrar tonnage register). — É a capacidade do navio que resulta depois de ter sido subtraído da tonelagem bruta o espaço não ocupado para serviço remunerativo, tal como: casa das máquinas e caldeiras, paços de carvão, mantimentos e sobrelances, alojamentos da tripulação, casa de navegação, etc.

Tonelagem de peso (Deadweight capacity). — Representa o peso em toneladas que um navio pode carregar sem exceder a linha de água indicada pelos Lloyd's.

Tonelagem dos "Yachts" ou "raters". — É o resultado de fórmulas empiricas em que entra o comprimento do barco, a superficie do pano, etc., e que tem por fim equiparar os diferentes barcos de vela por ocasião das regatas.

Cálculo do peso necessário para fazer um navio mergulhar em uma poça de água (0,0254). — Multiplica-se o comprimento em pés pela boca e divide-se por um número entre 520 e 620 conforme as formas do navio forem mais ou menos cheias.

VÁRIAS

Pós dentíficos. — Misturam-se: arvia vegetal em pó, 60 gramas; manésia, 4 gramas; e essência de hortelã, 5 gotas.

Outra. Misturam-se: 20 gramas de abronato de cal, 40 gramas de manésia, 6 gramas de cremor tartaro e 5 gotas de essência de hortelã.

Estanciar o sangue do nariz. — Levantam-se os braços o mais perpendicular que for possível, ou levantam-se simplesmente aquele que corresponde à venda por onde o sangue sai, quando é só por uma delas, e o sangue cessará logo de correr.

